

A irrupção de discursos antifeministas no *Facebook*: uma análise da página *Mulheres contra o feminismo*

Francisco Vieira da Silva
Lívia Alves Monteiro Carlos

Resumo: Objetivamos, neste artigo, analisar o funcionamento de discursos antifeministas na página do *Facebook Mulheres contra o feminismo*, no intuito de descrever e interpretar os efeitos de sentido que emergem através das posições sujeito na página em questão. Para essa análise, ancoramo-nos nos pressupostos teóricos de Foucault (2009, 2010, 2011, 2016) sobre enunciado, acontecimento, sujeito e saber/poder. Metodologicamente, essa pesquisa é qualitativa, por debruçarmos sobre a pesquisa um olhar analítico para com os discursos analisados e descritivo-interpretativa, em função da descrição dos dados colhidos e as interpretações tecidas sobre eles. Com base nas análises empreendidas, chegamos à constatação de que os discursos antifeministas presentes na página emolduram a mulher feminista como doente, preguiçosas, incitadora do estupro e as inserem no âmbito da antinomia “santa” *versus* “puta”.

Palavras chave: Antifeminismo. Discurso. *Facebook*.

The irruption of the antifeminism discourse on *Facebook*:
an analysis of the page *Women against feminism*

Francisco Vieira da Silva. Doutor em Linguística pela Universidade Federal da Paraíba. Professor da Universidade Federal Rural do Semi-Árido-UFERSA, RN.

Lívia Alves Monteiro Carlos. Mestranda em Letras pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN).

Abstract: In this article we aim to analyze the functioning of antifeminist discourses in the Facebook page against women feminism, in order to describe and interpret the effects of meaning that emerge through the subject positions in the page in question. For this analysis, we are anchored in the theoretical assumptions of Foucault (2009, 2010, 2011, 2016) on statement, event, subject and knowledge / power. Methodologically, this research is qualitative, since we look at the research an analytical look at the discourses analyzed and descriptive-interpretative, depending on the description of the data collected and the interpretations woven on them. On the basis of the analyzes undertaken, we come to the realization that the antifeminist discourses present on the page frame the feminist woman as ill, lazy, inciting rape and insert them within the framework of the “holy” versus “whore” antinomy.

Keywords: Antifeminism. Discourse. Facebook.

Introdução

Não devo nada ao movimento de libertação das mulheres. As feministas odeiam-me, não é? Não as posso culpar uma vez que odeio o feminismo. É puro veneno.

Margaret Thatcher

O feminismo é um movimento coletivo de sujeitos sociais surgido nos idos do século XIX, com o intuito de questionar as desigualdades sexuais que normatizavam (e ainda normatizam!) as maneiras pelas quais as mulheres deveriam se portar no seio da sociedade, por meio da supremacia masculina. O movimento feminista provocou mudanças na sociedade ao longo da história, desde a conquista do voto até a luta pela libertação dos corpos. Continuando sua militância nos dias atuais, são muitas as páginas e *blogs*

feministas que têm surgido no cerne da web, com o intuito de fortalecer ainda mais o movimento.

Mas, com o avanço e grandes conquistas do movimento feminista e principalmente no fim do século XIX para o século XX, começa a emergir na sociedade discursos contrários ao feminismo. A medicina foi uma das áreas utilizadas para reprimir a constante busca das mulheres pelo nivelamento entre os sexos, lançando mão de ameaças médicas e de teorias do ramo científico para afirmar que a tão sonhada igualdade dos gêneros traria perigo para as mulheres, tanto do ponto de vista moral quanto físico. Também foram levantados questionamentos às mulheres que ingressaram nas universidades, no mundo das artes e da literatura. Uma verdade é que sempre houve discursos de desqualificação dos movimentos feministas, os quais se alicerçam em vontades de verdade sustentadas na religião, no patriarcado, no machismo, na política, por exemplo. Em nossa contemporaneidade, são propagados discursos contrários ao feminismo e às suas lutas desqualificam as mulheres desse movimento, reduzindo o teor político do feminismo. Esses discursos antifeministas disseminam-se especialmente nas redes sociais e em *blogs*.

Assim, a *web* é um local fértil em que esses tipos de discursos têm se expandido rapidamente. Segundo Wertheim (2001, p. 163): “o ciberespaço não está apenas se expandindo, [...] sua gênese é análoga à do espaço físico”, ou seja, os discursos que circulam os espaços físicos da vida real ganham o terreno da internet, em específico, das redes sociais que possibilitam a interação entre os mais variados tipos de sujeitos. Nesse espaço, hoje, é possível promover manifestações e militâncias.

Partindo dessa discussão, o objetivo deste trabalho consiste em apreender o funcionamento dos discursos antifeministas, em postagens da página *Mulheres contra o feminismo*, no Facebook. Assim, ao examinarmos esses discursos, procuramos evidenciar nas posições antifeministas os enunciados que possibilitaram o surgimento de um discurso antagônico ao feminismo. Esses discursos permitem mostrar como o sujeito feminista é construído através de um discurso misógino, ao ativar memórias discursivas que evocam o debate sobre os próprios valores sociais, o próprio gênero e os papéis intrínsecos a ele.

Para tanto, empreendemos nossa análise em consonância com o pensamento de Foucault (2016), o qual nos permite buscar na descontinuidade da história como os discursos nos produz, de modo a possibilitar uma espécie de ontologia crítica do presente, para tentar compreender nossas subjetividades no tempo presente. Ou seja, as reflexões foucaultianas procuram examinar como os discursos produzem as verdades de certo momento histórico, ou ainda compreender “Quem somos nós?” (FOUCAULT, 2009, p. 235).

Para Courtine (2006, p. 57), a Análise do Discurso, para dar conta de uma arqueologia contemporânea, precisa inserir-se num projeto de “análise das representações compostas por discursos, imagens e práticas. A transmissão da informação política, atualmente dominada pelas mídias, se apresenta como um fenômeno total de comunicação, [...] na qual os discursos estão imbricados em práticas não-verbais”. Assim, nesse processo de análise semiológica, Courtine explora o conceito de enunciado de Foucault, trazendo-o para o centro da Análise do Discurso para dar conta de uma análise não verbal, em que o estudo se volta para o enunciado semiológico.

Metodologicamente, tomamos como *corpus* de nossa pesquisa quatro postagens da página *Mulheres contra o feminismo*. Esta pesquisa se caracteriza como qualitativa, uma vez que empregamos em nosso estudo uma perspectiva que dá possibilidades para compreender e interpretar os fenômenos sociais, imbricados nestas postagens do *Facebook* em questão, o que nos permite analisar as postagens que surgem através da posição sujeito antifeministas inscritas nessa página. Ademais, a pesquisa é descritivo-interpretativo, pois leva em consideração que descrevemos e interpretamos as características dos enunciados verbo-visuais antifeministas e interpretamos as particularidades que emergem nesses discursos antifeministas.

Para esta pesquisa, ancoramo-nos na Análise do Discurso, em específico, no método arqueogenealógico proposto por Foucault, para descrição e interpretação dos discursos, já que este método permite uma investigação que engloba a descrição dos saberes e o funcionamento dos poderes na constituição dos discursos.

Do ponto de vista organizacional, este artigo encontra-se dividido em três seções, além desses comentários introdutórios. Assim, na seção seguinte, discutiremos alguns conceitos da Análise do Discurso respaldados em Foucault (2009, 2010, 2011, 2016), mobilizando noções sobre discurso, acontecimento, enunciado, sujeito e poder/saber. Na segunda seção, lançamos um olhar analítico sobre as materialidades analisadas. E por fim, na seção final, discutimos sobre aspectos mais gerais sobre o texto.

Sobre Foucault e a Análise do Discurso

Todo discurso na sociedade é controlado pelos saberes e poderes. Em *A ordem do discurso* Foucault (2011) inicia o texto afirmando o desejo de tomar a palavra e falar, ser envolvido por ela, mas nem tudo pode ser dito, “afinal, onde está o perigo?” “Porque é tão perigoso falar?” São estes alguns dos questionamentos que norteiam o pensamento de Foucault. Há uma inquietação perante o que é o discurso, nessa sua sina arriscada de ser produzido e fadado ao apagamento. Na sociedade, toda enunciação é controlada. Regula-se o que se diz e a forma de se dizer, “a produção do discurso é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de procedimentos que têm por função conjurar seus poderes e perigos” (FOUCAULT, 2011, pp. 8-9). Falar é um ato perigoso, pois supõe lutas, dominação, poder e resistência e nesse jogo dos discursos, estes irrompem como acontecimentos na sociedade.

É preciso estar pronto para acolher cada momento do discurso em sua irrupção de acontecimentos, nessa dispersão temporal que lhe permite ser repetido, sabido, esquecido, transformado, apagado até nos menores traços, escondido bem longe de todos os olhares, na poeira dos livros. Não é preciso remeter o discurso à longínqua presença da origem; é preciso tratá-lo no jogo de sua instância. (FOUCAULT, 2016, p. 31)

O autor compreende os discursos como uma série de acontecimentos, considerados únicos em seus momentos. Conforme um discurso irrompe na sociedade, avalia-se nele os efeitos de sentidos produzidos, sendo que um mesmo discurso produzido em um outro

momento, os efeitos apreendidos nele já serão outros diferentes, pois se considera o momento das produções discursivas. No entanto, os discursos são tomados como acontecimentos e sofrem dispersão, transformação e em sua unidade obedece a regularidades, sendo nesse processo que seus efeitos de sentidos são alcançados.

Na explanação do conceito de enunciado em *A arqueologia do saber*, Foucault (2016) afirma que este não se confunde com a frase, o ato de fala e a proposição, dessa maneira o enunciado não está nem dentro, nem fora de um signo linguístico, ao invés disto encontra-se regido por leis, dentro de uma regularidade que só surge depois de encontrar as regras de formação de um discurso. Encontrando-se o enunciado não nos signos, mas em sua separação, em seus interstícios, no limite dos signos, por isso é concebido na prática discursiva, isto é, o enunciado é tratado como um acontecimento discursivo. No método arqueológico proposto por Foucault, tem-se como cerne a relação entre as práticas discursivas e a produção histórica dos sentidos. No entanto, um questionamento importante, para análise e interpretação de acontecimentos discursivos é: “como apareceu determinado enunciado e não outro em seu lugar?” (FOUCAULT, 2016, p. 33). Esta pergunta é a que norteia o caráter histórico das práticas discursivas.

Em Análise do Discurso, é preciso compreender o enunciado levando-se em consideração a “singularidade de sua situação; de determinar as condições de sua existência, de fixar seus limites da forma mais justa, de estabelecer suas correlações com os outros enunciados a que pode estar ligado, de mostrar que outras formas de enunciados exclui” (FOUCAULT, 2016, p. 34). O enunciado é sempre um acontecimento que não pode ser esgotado nem pela língua,

nem pelo sentido. É considerado um acontecimento incomum, por estar conectado “por um lado a um gesto de escrita ou à articulação de uma palavra” (FOUCAULT, 2016, p. 34). Em contrapartida, tece relações no campo da memória e de qualquer materialidade manuscrita, ou seja, a noção de enunciado pode ser utilizada em qualquer forma de registro, assim o enunciado “é único como todo acontecimento, mas está aberto à repetição, à transformação, à reativação” (FOUCAULT, 2016, P. 35). Nesse caso, a aparição do enunciado se dá como um acontecimento que está aberto a sofrer transformação, reativação de determinadas memórias discursivas, mas essa enunciação é única e irrepetível, de forma que sempre será um novo enunciado e um novo acontecimento.

A noção de discurso em Foucault (2016) está ligada ao conceito de formação discursiva. Uma formação discursiva se constitui de um amontoado de enunciados que estão dispersos, e mantém entre si uma ordem de regularidades, que são definidas como um conjunto de regras anônimas e históricas, engendradas num determinado tempo e espaço, os quais definem o que pode e deve ser dito. Assim sendo, “a regularidade dos enunciados é definida pela própria formação discursiva. A lei dos enunciados e o fato de pertencerem à formação discursiva constituem uma única e mesma coisa; [...] a formação discursiva [...] se caracteriza por uma dispersão de fato.” (FOUCAULT, 2016, p.143).

Após teorizar sobre a formação discursiva, Foucault (2016) propõe dar continuidade a esta noção, por ele projetada de “regras de formação” que dão condições de existências aos discursos. O autor distribui essas regras em quatro categorias: a formação dos objetos, a formação das modalidades enunciativas, a formação dos conceitos e a formação

das estratégias. Destas categorias, interessam-nos as duas primeiras; por isso, nos deteremos em explicá-las. Para a análise da formação dos objetos, Foucault debruça-se sobre o discurso da psicopatologia e problematiza como se deu o regime de existência desse objeto do discurso, para isso, ele traça a existência de três níveis de análise.

No primeiro nível, denominado de superfícies de emergência, procura-se compreender onde esses enunciados podem surgir, com o intuito de classificar, no caso do exemplo dado por Foucault, os discursos da psicopatologia recebem a denominação de doença, anomalia, entre outras. De tal modo, todas as superfícies de emergências irão variar de acordo com a sociedade analisada. Essa variação acontece também de acordo com a época em que emerge o discurso e de acordo com os diferentes discursos. O segundo nível, denominado de instâncias de delimitação, apresenta as instituições superiores autorizadas a delimitar os objetos. Mais uma vez tomando o exemplo da psicopatologia, o autor denomina que a instância que autoriza e nomeia a loucura como objeto é a medicina. Porém, essa instância não é a única que exerce tal função, pois a medicina atuou concomitantemente com a justiça e a autoridade religiosa. O terceiro nível, nomeado de grades de especificação, exhibe sistemas que servem para separar, opor, associar e comparar os diferentes objetos, (FOUCAULT, 2016).

Quanto às modalidades enunciativas, Foucault (2016) elucida a importância de observar quem tem o direito de falar, pois nem toda enunciação é por direito proferida por qualquer indivíduo. Assim, há na sociedade o *status* que qualifica o sujeito a falar. Como exemplo, Foucault (2016, p. 61) cita que “o *status* do médico compreende critérios de competência e de saber; instituições, sistemas,

normas pedagógicas; condições legais que dão direito – não sem antes lhe fixar limites – à prática e a experimentação do saber.” Nesse processo, apreendemos que há todo um ritual que capacita os sujeitos a enunciarem determinados discursos. Além de o autor descrever quem pode proferir determinados discursos, ele também aborda a importância de apresentar os lugares de onde se fala, ou seja, especificar os lugares institucionais em que os sujeitos obtêm seus discursos. Por exemplo, Foucault (2016) menciona o hospital como um lugar institucional que dá direito ao médico de adquirir seu discurso, constituindo esse o local em que se pode legitimar e aplicar esse discurso. Por último, Foucault discorre sobre as posições ocupadas pelo sujeito ao proferir determinados discursos, especificando que “as posições do sujeito se definem igualmente pela situação que lhe é possível ocupar em relação aos diversos domínios ou grupo de objetos.” (FOUCAULT, 2016, p. 63).

Segundo Foucault (2016) para que um enunciado exista, não basta que se pronuncie uma frase, nem que ele esteja relacionada num campo de objetos ou relacionado a um sujeito. O que determina um enunciado é a sua presença dentro de um domínio associado e para sua existência é necessário associá-lo a um campo adjacente que permite seu aparecimento, ou seja, todo enunciado possui um espaço colateral e sua margem é sempre povoada por outros enunciados. Nesse sentido, todo enunciado pressupõe outros enunciados, a começar de sua “raiz, ele se delinea em um campo enunciativo onde tem lugar e *status*, que lhe apresenta relações possíveis com o passado e que lhe abre um futuro eventual. Qualquer enunciado se encontra assim especificado: não há enunciado [...] livre, neutro e independente” (FOUCAULT, 2016, p. 120). Todo enuncia-

do para o autor possui um *status* que abre possibilidades para retomar enunciados anteriores, isso permite a retomada de uma memória discursiva, para uma atualização dos enunciados presentes; assim, todo enunciado é marcado pela presença de uma história e uma memória.

Apesar de em toda a sua obra Foucault (2009, p. 231) ter escrito sobre os poderes e os saberes, o seu objetivo maior “foi criar uma história dos diferentes modos pelos quais, em nossa cultura, os seres humanos tornam-se sujeitos”. Assim, o que está no centro de seu pensamento é a problemática de como o homem se faz sujeito. Para isso, o filósofo afirma lidar em seu trabalho com três maneiras de objetivação que transformam o homem em sujeito. Nesse sentido, o primeiro modo se constitui como o modo da investigação, cuja intenção é tentar compreender o regulamento da ciência; na segunda parte de seu trabalho, o filósofo atenta para a objetivação dos sujeitos de acordo com as práticas divisoras, ou seja, os sujeitos divididos em seu interior e em relação aos outros; por fim, estudou como o homem se torna um sujeito, a partir da ética e estética de si.

De acordo com Gregolin (2007, p. 142) “Foucault não enxerga os indivíduos como autônomos que aceitam passivamente todas as determinações do poder.”; a autora em consonância com o pensamento de Foucault discute que ao serem exploradas as resistências e lutas que confrontam o estatuto desses sujeitos, percebeu-se duas vias que regem seus comportamentos, de um lado afirmam o direito de serem diferentes e do outro rejeitam tudo que pode isolá-los e afastá-los dos outros e “cindir a vida comunitária”. Essas lutas e resistências não nascem contra os sujeitos, mas sim em oposição “aos efeitos de poder que estão ligados aos saberes, à competência e à

qualificação.” (GREGOLIN, 2007, p. 143); ou seja, os sujeitos resistem aos efeitos dos poderes classificadores de categorias individuais, de falsas identidades e ao que impõe que esses sujeitos encontrem suas verdades. São essas formas de poder que transformam os homens em sujeitos, visto que os poderes só existem porque os sujeitos lutam contra ele e a partir dele.

Para a compreensão das relações de poder, Foucault (2009) sugere que se tome como ponto de partida a resistência – tema que atravessa a obra de Foucault, “pois é somente por meio daquilo que está à margem, que está interdito, e que se coloca contra a ação do poder, é possível entender, de forma adequada, as estruturas sociais ou as regularidades políticas de um campo social.” (ALVIN, 2012, p. 27). Entretanto, através do que se encontra na margem, criam-se formas de entender o funcionamento de uma sociedade, esse modo proposto permite “mais do que analisar o poder do ponto de vista de sua racionalidade interna, ela consiste em analisar as relações de poder através do antagonismo das estratégias.” (FOUCAULT, 2009, p. 234). Essas lutas travadas na contemporaneidade são executadas em cima do questionamento de Foucault (2009, p. 235) “quem somos nós?”. Assim, com essas formas de resistência propõe-se reivindicar pela construção de uma subjetividade que não seja imposta, ou seja, engendra uma recusa aos regimes enunciativos que ignoram a individualidade dos sujeitos e propõe quem somos. Então essa busca pelo sentido dos discursos é o que irá nos trazer o entendimento de como os discursos produzem as verdades de um certo momento histórico.

O movimento antifeminista na página do *Facebook*: *Mulheres contra o feminismo*

O ciberespaço faz circular inúmeros discursos na sociedade, assim o espaço da *Web* é especializado em produzir efeitos de sentidos sobre os sujeitos sociais. A página do *Facebook* que abarca nosso arquivo de análise se constitui de um grupo, cujos efeitos de sentidos que nela circulam depreciam e deslegitimam o movimento feminista.

De acordo com Lara (et al., 2016), o antifeminismo surge como resposta das instituições conservadoras da sociedade às lutas propagadas pelos grupos feministas. As autoras da obra justificam que os discursos antifeministas emergem na sociedade para fortificar “normas religiosas e culturais”, com objetivo de resgatar a masculinidade “da poluição e invasão”. Assim, os discursos antifeministas fundamentam-se em conceitos de gênero que reverenciam a divisão sexual como um fator natural, isto é, alimentam a ideia de que mulheres precisam se privar de ambientes políticos, como de trabalho e educação, por exemplo, devido serem naturalmente frágeis e não porque o patriarcalismo existe destacando que os homens têm por direito o domínio desses espaços que foram historicamente construídos. Assim, a desqualificação do movimento feminista acontece por meio de discursos que as constituem como “mulheres mal-amadas, feias, rejeitadas, megeras, frígidas, putas ou loucas.” (LARA et al., 2016, p. 250).

Antes de tudo, é preciso chamar atenção para a capa da página em estudo, que já na capa emoldura imagens que nos dirige a uma “ordem do olhar” (COURTINE, 2006), os quais produzem efeitos de sentido de desqualificação da mulher feminista. Vejamos a imagem do perfil:



Figura 1: Capa da página do Facebook *Mulheres contra o feminismo*¹

O enunciado verbo-imagético de abertura do grupo já tem a pretensão de desconstruir o movimento feminista, através de enunciados com os quais constrói efeitos de sentidos que desqualificam o movimento. O primeiro aspecto notado na página é que a posição assumida pelo sujeito (FOUCAULT, 2016), ao selecionar uma foto para preencher o perfil da página, associa o movimento feminista a uma doença, com o seguinte enunciado: em inglês “Feminis is cancer”, cujo a tradução significa “O feminismo é um câncer”. A voz que fala produz efeitos de sentido que nos remete a pensar o movimento feminista como o mal do século, já que o câncer é considerado uma das piores doenças de todos os tempos. Outros efeitos de sentidos

1. Disponível em: < <https://www.facebook.com/MulheresContraoFeminismo/> >
Acesso em: 10 set. de 2017.

construídos ao fazer a comparação do câncer com o movimento feminista é o de que esses movimentos são vistos como um coletivo de muitas mulheres, cujo seu crescimento é desordenado como o do câncer, e costuma invadir todas as células da sociedade, através de suas reivindicações por igualdade de gênero que, segundo as antifeministas, acontecem com bastante agressividade.

Ademais, a imagem da capa é composta por um grupo de mulheres que lutam ativamente contra o feminismo. Como exemplo, citaremos da imagem Christina Hoff Sommers, autora americana e ex-professora de filosofia conhecida por tecer críticas ao feminismo e Camille Paglia, ex-feminista e crítica ferrenha do movimento e afirma que representa as mulheres. Também é autora da frase “Não se chame de vadia a não ser que você esteja preparada para viver e se defender como tal”². Todas as mulheres da capa representam uma parcela da sociedade que não aceita os movimentos feministas como legitimador dos direitos femininos adquiridos em nossa sociedade. A presença dessas mulheres na capa confere credibilidade aos sujeitos que utilizam a página, pois como Foucault (2016) denomina nas instâncias de delimitação do discurso, há instituições superiores autorizadas a denominar os objetos do discurso. É o que acontece com a página, ao ser concebida como lugar autorizado a discursivizar enunciados que desqualificam a mulher feminista. Consequentemente, as vozes que ecoam da página tem direito a fala, pois tem o *status* que qualifica a falar, pois “ninguém entrará

2. Exemplos de mulheres antifeministas fundamentado através do blog Mulheres contra o feminismo, Disponível em: < <https://mulherescontraofeminismo.wordpress.com/2013/04/02/mulheres-cultas-trabalhadoras-ameacadas-por-sorem-contra-o-feminismo-e-suas-mentiras/>>. Acesso em 21 de set. de 2017.

na ordem do discurso se não satisfizer a certas exigências ou se não for, de início qualificado para fazê-lo.” (FOUCAULT, 2011, p. 37).

Vejamos nas imagens a seguir os discursos produzidos nas postagens do *Facebook* sobre um dos princípios de luta feminista, a igualdade entre os sexos:

Na composição verbo-imagética 2 e 3, resgata-se uma memória que é representativa do movimento feminista e da força da mulher, o que nos leva para uma “ordem do olhar”. De acordo com Courtine (2006, p. 57), “o verbo não pode mais ser dissociado do corpo e do gesto, em que a expressão pela linguagem se conjuga com a expressão do rosto, em que o texto torna-se indecifrável fora de seu contexto, em que não se pode mais separar linguagem e imagem”. Em consenso com o pensamento desse autor, tomamos as imagens



Figura 2: Postagem da página *Mulheres contra o feminismo*



Figura 3: Postagem da página *Mulheres contra o feminismo*

aqui presentes como enunciados em que o corpo e o rosto falam, nesse entendimento, adentramos no “paradigma da expressão”. Conforme Braga (2013), Courtine formulou a história do rosto ao atentar-se para as diferentes falas públicas, e em específico, observando as expressões explícitas através do rosto no discurso político, com isso apresenta como objeto de estudo o modo como o rosto produz sentidos. Posteriormente, Courtine formula uma história do corpo que vai desde a renascença até o século XX, ao investigar as deformidades do corpo.

Neste gesto de leitura, tomamos a figura 2, fruto de um cartaz com o título *We can do it!*³ (Traduzindo para português, “Nós podemos fazer isso!”) produzido na Segunda Guerra Mundial pelo pintor J. Howard Miller em 1943 e que foi baseado numa fotografia de uma operária que trabalhava numa Base Aeronaval. O cartaz foi produzido para a empresa Westinghouse e tinha como intuito levantar a moral dos trabalhadores enquanto a guerra acontecia, sendo visto apenas durante a guerra, na empresa em se que. Mas foi reproduzido em 1982 em um artigo, publicado na *Washington Post Magazine* (Jornal diário estadunidense), que afirmava ser o objetivo do cartaz encorajar mulheres a trabalharem na produção de guerra. Desde este momento, a imagem se associou a força de trabalho feminina na indústria, em consequência da guerra.

Na figura 2, a mulher produz uma pose, na qual mostra o músculo do muque, esta posição é utilizada geralmente pelos homens para mostrar força e virilidade, fazendo uma analogia a imagem antes historicizada. Na expressão do rosto a mulher apresenta seriedade e impõe força e coragem, ainda na imagem um balão com o enunciado “Sou feminista porque lugar de mulher é onde ela quiser!”. Para essa posição sujeito, a mulher feminista busca conquistar a igualdade de gênero, mas quer ter também o direito de escolha: ambicionam ter emprego, salários iguais e garantia de direitos. Mas no enunciado, observamos também a imagem de um homem vestido de soldado, bebendo no gargalo de uma garrafa e com uma arma amostra na cintura, simbolizando um homem viril como se estivesse na guerra cumprindo um dos papéis que cabe ao homem, e, ain-

3. Disponível em: < https://pt.wikipedia.org/wiki/We_Can_Do_It! > Acesso em 20 de set. 2017.

da escrito na imagem os seguintes dizeres: “E ae feminista, vai um pouco de serviço militar obrigatório?” Para essa posição sujeito antifeminista, o feminismo como luta por direitos iguais deveria lutar também para fazer parte das forças armadas obrigatoriamente, pois o sujeito enunciador questiona o porquê de as feministas não fazerem protestos para exigir o direito pelo alistamento militar como obrigatoriedade feminina, já que a inscrição nesse serviço também difere os papéis de gênero entre homens e mulheres.

No segundo plano visual, observamos a imagem de uma mulher reproduzindo a mesma pose da imagem 2, levantando o braço e fazendo uma pose de muque para evidenciar o músculo do braço, mas agora a pose é feita em frente a uma pia cheia de pratos sujos e acima da imagem num balão o enunciado em inglês “We can do it!”. Vale ressaltar que o gesto produzido tanto na figura 2 como na figura 3 nos leva a noção de intericonicidade entre imagens proposto por Courtine:

A intericonicidade supõe, portanto, dar um tratamento discursivo às imagens, supõe considerar as relações entre imagens que produzem os sentidos: imagens exteriores ao sujeito, como quando uma imagem pode ser inscrita em uma série de imagens, uma arqueologia de modo semelhante, ao enunciado em uma rede de formulações, segundo Foucault (COURTINE, 2011, p. 160).

Nesse viés, uma imagem pode formar uma arqueologia ao ser inscrita em várias imagens, para compreender esse fenômeno não é somente sobrepor imagens lado a lado e tecer interpretações de senso comum, mas é preciso ativar uma memória discursiva para

retomar os discursos históricos produzidos sobre a imagem, sem deixar negligenciar nenhum traço sequer.

Assim, quando a mulher é representada na cozinha em frente a pia de pratos sujos, ativa-se uma memória discursiva que reconhece que o lugar de mulher é na cozinha, isto é, cuidando da casa. O discurso antifeminista produz efeitos de sentidos que estabelecem relação entre o espaço público e privado atualizando falas patriarcais “em razão do papel reprodutor dos indivíduos, delegava ao homem a responsabilidade pelas atividades externas, como o sustento econômico, a defesa da sociedade e sua direção política e à mulher, o gerenciamento das atividades relativas ao mundo doméstico.” (ALVES, 2003, p. 19). Esse discurso ainda produz efeitos de sentido que instauram a polêmica através do enunciado verbo-visual, o que associa que as mulheres feministas deveriam mostrar sua força cuidando dos trabalhos domésticos, ao sugerir isso através do enunciado, “Nós podemos fazer isso!”, Noutros termos, a mulher feminista deveria adotar o *slogan* para reafirmar o papel da mulher como dona de casa.

Conclusão

De acordo com Foucault (2016), os discursos obedecem a certas regras de racionalidade, deslocamento e transformação, conforme o presente se modifica, os discursos vão sendo retomados resignificados, neste processo a noção de descontinuidade e ruptura, desfaz com qualquer ideia de continuidade. O que se propõe é que os discursos são acontecimentos dispersos em sua historicidade. Nessa perspectiva, pudemos analisar os efeitos de sentido produzidos

através de discursos antifeministas que acionam uma memória discursiva para desqualificar as mulheres do movimento.

Essa desqualificação ocorre por meio da construção de um arquétipo feminista. A começar, já na primeira imagem selecionada que comporta a página *Mulheres contra o feminismo*, a posição sujeito antifeminista compara a mulher feminista a uma doença que devasta a vida dessas mulheres, construindo, assim, a imagem de que toda feminista é considerada extremista. Essa página do *Facebook*, ainda, utiliza uma imagem de capa em que traz uma montagem fotográfica de várias mulheres antifeministas famosas, para estabelecer ao grupo um *status* de qualificação, que o determine autorizado a falar sobre o tema do antifeminismo.

Na segunda imagem analisada, a posição sujeito constrói o perfil da mulher feminista como um ser que luta por uma igualdade de gênero, mas que em suas pautas feministas deseja ter opção de escolha para fazer e ser o que quiser. Em tal postagem, o discurso antifeminista funciona evocando uma memória discursiva que se ampara no estabelecimento de divisão dos trabalhos entre gêneros, com o qual constrói a imagem dessa mulher feminista como alguém que se preocupa apenas em escolher ocupar os melhores lugares de trabalho. Já na terceira postagem, delinea-se um perfil de mulher feminista como desocupada, ao atribuir que o movimento feminista acontece por falta das mulheres do movimento não terem o que fazer. Nesse percurso da análise, os sentidos produzidos é o de que a mulher deve cuidar dos afazeres internos do lar e os homens dos afazeres do ambiente externo.

Portanto, os discursos antifeministas apreendidos na página *Mulheres contra o feminismo* constroem uma mulher feminista que

busca não a igualdade de gênero, mas sim uma forma de ser superior aos homens. Assim, as análises convergem para entendermos que a posição sujeito antifeminista é insatisfeita com a luta do movimento feminista, como por exemplo, a insatisfação com a mudança das normas da sexualidade feminina que elas veem como consequência negativa do movimento, alguns também veem a entrada das mulheres na política como uma catástrofe, entre outras pautas que foram conquistadas. Assim, os discursos antifeministas reafirmam a posição da mulher como um ser frágil e que deve estar restrita às atividades domésticas. No caso da página estudada, esses discursos estão atrelados a posicionamentos de mulheres sobre o tema em questão, o recrudescer ainda mais a desqualificação do feminismo.

Referências

ALVES, Maria Marcelita Pereira. A Primeira Feminista das Américas: as marcas da ousadia e da repressão nas cartas de Sor Filotea de la Cruz e de Sor Juana Inés de la Cruz. In: LUCENA, Maria Inês Ghilardi (org.) *Representações do feminino*. Campinas. São Paulo: Átomo, 2003. p. 15-37.

ALVIM, Davis Moreira. *Foucault e o primado das resistências*. Cadernos de ética e filosofia política. USP. 2012. p. 22-30. Disponível em: < <https://www.revistas.usp.br/cefp/article/view/55955> > Acesso em: 10 set. 2017.

BRAGA, Amanda. *Retratos em branco e preto: discursos, corpos e imagens em uma história da beleza negra no Brasil*. 2013. 293 f. Tese. (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2013.

COURTINE, Jean-Jacques. Uma genealogia da Análise do Discurso. In _____, *Metamorfoses do discurso político: derivas da fala pública*. São Carlos. Claraluz. 2006.

COURTINE, Jean-Jacques. *Discurso e imagens: para uma arqueologia do imaginário*. In. SARGENTINI, V. et al. *Discurso, semiologia e história*. São Carlos: Claraluz, 2011.

FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade I: a vontade de saber*. Rio de Janeiro: Edições Graal. 2010.

FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. São Paulo: Loyola, 2011.

FOUCAULT, Michel. *A arqueologia do saber*. Rio de Janeiro: Forense universitária, 2016.

FOUCAULT, Michel. *O sujeito e o poder*. In: DREYFUS, H. L.; RABINOW, P. Michel Foucault: uma trajetória filosófica para além do estruturalismo e da hermenêutica. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009, p. 231-250.

GREGOLIN, Maria do Rosário. *Foucault e Pêcheux na análise do discurso: diálogos & duelos*. São Carlos: Editora Claraluz, 2007.

LARA, Bruna de et. al. *#Meu amigo secreto: feminismo além das redes*. Rio de Janeiro: Edições de Janeiro. 2016.

WERTHEIM, Margaret. *Uma história do espaço de Dante à Internet*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. 2001.